

Miguel Falabella
volta à direção em
'Querido Mundo'

PÁGINA 2



Pedro Mann
assina todas as
etapas de álbum

PÁGINA 4



Dramaturgia
forjada a partir de
traumas familiares

PÁGINA 6



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

O 53º Festival de Cinema de Gramado revelou os dezesseis títulos que disputarão os Kikitos nas categorias de longas-metragens documentais e curtas-metragens brasileiros. A seleção, anunciada pelos curadores Caio Blat, Camila Morgado e Marcos Santuario, desenha um panorama cinematográfico que atravessa o país, do Amazonas ao Rio Grande do Norte, passando pelos centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Entre os quatro documentários selecionados, todos inéditos no Brasil, destaca-se "Para Vigo Me Voy!", de Lírio Ferreira e Karen Harley, que chega a Gramado após estreia mundial no Festival de Cannes. O filme sobre Cacá Diegues traz material inédito dos bastidores de "Deus Ainda é Brasileiro" e de uma sessão especial de "Bye Bye Brasil" na Favela do Vidigal. A obra integra um conjunto que, segundo o curador Marcos Santuario, "não se contenta em observar: elabora". Para ele, os filmes "não apenas registram realidades, mas propõem formas de vê-las, escutá-las e, por vezes, resisti-las".

A diversidade temática marca a seleção documental. "Até Onde a Vista Alcança", de Alice Villela e Hidalgo Romero, acompanha um guerreiro indígena Kariri-Xocó que desenha no chão o território memorial de seu povo, conectando terra, política e espiritualidade.

Do Amazonas, "Os Avós", de Ana Lígia Pimentel, mergulha na complexa realidade de avós e avós jovens, entre 30 e 35 anos, radiografando conflitos geracionais, es-



'Para Vigo me Voy', de Lírio Ferreira e Karen Harley, teve sua estreia no Festival de Cannes. O documentário foca na singular trajetória do cineasta Cacá Diegues e traz material inédito dos bastidores de 'Deus Ainda é Brasileiro'

Gramado anuncia seleção de docs e curtas

truturais e culturais.

Já "Lendo o Mundo", das diretoras Catherine Murphy e Iris de

Oliveira, revisita o período em que Paulo Freire liderou projeto experimental no Nordeste dos anos

Quatro longas documentais e 12 curtas-metragens de oito estados compõem mostras competitivas da 53ª edição do festival gaúcho

1960, permitindo que centenas de adultos aprendessem a ler, escrever e votar.

A mostra de curtas-metragens apresenta amplitude ainda maior, com doze produções oriundas de oito estados diferentes, selecionadas a partir de número recorde de inscrições. Entre os curtas selecionados figuram "Aconteceu a Luz da Lua", do gaúcho Crystom Afronário, "Boiuna", da paraense Adriana de Faria, e "Réquiem Para Moisés", dos cariocas Caio Barretto Briso e Susanna Lira. A diversidade regional se complementa com títulos de São Paulo, Bahia, Alagoas, Pernambuco e Paraná, configurando, nas palavras da comissão, "ficcões, documentários e animação que se unem para explorar as profundezas de um Brasil belo, mas marcado por suas fraturas".

Veja a relação completa dos filmes selecionados em <https://encr.pw/wEgUn>

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sai de baixo que Miguel Falabella tá na área. Prestes a voltar às telenovelas globais, no elenco de “Três Graças”, de Aguiinaldo Silva, o multiartista (ator, dramaturgo, diretor teatral, cineasta) vai concorrer aos troféus Kikito do Festival de Gramado, de 15 a 24 de agosto, na Serra Gaúcha, com seu novo trabalho como realizador: “Querido Mundo”.

Nele, a queda de uma ponte numa noite de tempestade une os mundos de Elsa (Malu Galli) e Oswaldo (Eduardo Moscovis), que acabam por se encontrar no Rio de Janeiro às vésperas do Ano Novo, nos escombros de um prédio abandonado por seus construtores.

Enquanto a produção não pede passagem ao Deus Sol dos Pampas, que serve de símbolo sorridente ao evento do Rio Grande do Sul, Falabella se espalha pelo streaming, encontrando espaço para seu (essencial) “Veneza” navegar por outras águas, agora na corrente da Disney+.

Lançado em 2019, mas atropelado em circuito pela covid-19, o longa-metragem pilotado por Falabella em locações no Uruguai, com a diva espanhola Carmen Maura à frente de seu elenco, potencializa a grade da plataforma de Mickey Mouse.

Sua trama tem como base a peça teatral homônima do argentino Jorge Accame, encenada pelo próprio Falabella nos palcos do Rio em 2003. Já na montagem, o eterno Caco Antibes adicionou algo de pessoal ao universo de um bordel decadente e sua cafetina chefe, que já não enxerga.

De certa forma, “Veneza” é uma carta ao tempo. Uma carta de amor que, por sê-lo, não teme cair no ridículo do desvario romântico, filtrado pela cinefilia de Falabella. Trata-se de uma fábula de amor, humor e lágrimas que extrai do showman carioca um lampejo de Almodóvar e um quê de “Amarcord” (1973). “Todas as referências que trago do cinema do passado, aquele que ficou, de Fellini a Tim



Ananã/Divulgação

‘Querido Mundo’, fotografado em P&B, concorre em Gramado, com Falabella no páreo pelo Kikito de Melhor Direção

A gôndola de Falabella

Regresso do multiartista ao cinema com ‘Querido Mundo’, que vai concorrer em Gramado, dá nova visibilidade a seu autoralíssimo ‘Veneza’



Mariana Vianna/Divulgação

Gringa (Carmen Maura) estrela ‘Veneza’, uma carta de amor ao tempo

Burton, embrulham essa narrativa”, disse Falabella ao receber o Correio da Manhã no set, nas imediações de Montevideú.

Tendo como diretor assistente o sino-brasileiro Hsu Chien Hsin, o longa foi produzido por Julio Uchôa, da Ananã, empresa respon-

sável pelos milhões arrecadados pela franquia “SOS – Mulheres ao Mar” e pelo cult “Soundtrack” (2017). Falabella contou ainda com o aporte

fino de Fernando Muniz, produtor do cultuado “Cinema Novo” (troféu L’Oeil d’Or em Cannes, em 2016), hoje em cartaz no Rio com “Filhos do Manguê”. Com o empenho desses produtores, “Veneza” pode ser parcialmente rodado. É lá que Gringa (Carmen Maura) sonha acertar as contas (leia-se reatar uma velha paixão) com o único homem que a amou de verdade. Mas ela acabou roubando o sujeito. O dinheiro do roubo bancou a sua casa de prostituição. Esse investimento rendeu a ela anos de culpa, numa relação de rapinagem que nos leva a uma evocação de Emily Dickinson (1830-1886), poeta de quem Falabella é fã: “Nem para o amor eu tive tempo —/Já que/Muito de mim tinha que dar —/O vão labor que o amor pedia/Achei/ Duro demais para aguentar”. Agora, mais velha, sem poder ver, dickinsoniana, Gringa sonha ir pro Lido de novo, a fim de ser feliz.

Nem todas as suas funcionárias têm disposição para sonhar, como comprova a rabugenta Jerusa (Danielle Winitis, em irretocável atuação). Já outra tem sonhos de mudar de vida ainda ligados a um ideal de vida a dois, como prova a (trágica) trilha de Madalena, personagem que deu a Carol Castro um merecidíssimo Kikito de melhor coadjuvante em Gramado, há seis anos. Seu olhar carrega algo “imparável” da Gena Rowlands de “Uma Mulher Sob Influência” (1974).

Entre ressacas, tangos e tragédias, ainda existe espaço para a bondade no rendez-vous de Gringa. Embrulhado na finíssima direção de arte Tulé Peak (também laureada em Gramado) e num inventivo figurino de Bia Salgado, esse experimento de Falabella por trás das câmeras investiga a noção moderna do que é ser bom, nas quebradas do mundaréu, apoiado nas figuras de uma garota de programa veterana, Rita (Dira Paes), e de um assíduo freguês da personagem de Carmen: Tonho, papel que comprova as múltiplas ferramentas cênicas de Eduardo Moscovis. Rita e Tonho são os filhos que a arrependida Gringa não teve. Ao embarcarmos na história dela, tornamo-nos parte dessa sua família, e da família Falabella.

Miti Films



'La Memoria de las Mariposas' entrelaça pesquisa histórica, especulação e a própria história familiar da cineasta Tatiana Fuentes Sadowski

Divulgação



Jorge Amado, Carybá, Zélia Gattai e Mãe Pepita em '3 Obás de Xangô'

Oleksandr Roshchyn/Divulgação



'Timestamp', documentário da Ucrânia, aborda o universo escolar

Meridian Hill Pictures



Tragédia israelense de outubro de 2023 é revisitada em 'Holding Liat'

Modos de cair na real

Premiado na Berlinale, 'Esperando Liat', aposta para o Oscar 2026, é um dos destaques da temporada de lançamentos documentais neste segundo semestre

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Em tempo de cair na real sob o fundamentalismo que cerca, á força do turbilhão "Apocalipse nos Trópicos", hoje na Netflix, o audiovisual começa a preparar suas apostas documentais para o Oscar de 2026. Uma reportagem recente da "Variety", a Bíblia do entretenimento destacou cinco possíveis competidores: "Architecton", "Cutting Through Rocks", "Endless Cookie", "The Perfect Neighbor" e "Selena y Los Dinos". O Festival de Veneza, que rola no fim de agosto, vai divulgar seus concorrentes de 2025 nesta semana e promete ter .docs de peso em sua grade. Estima-se, contudo, que

o potencial astro desse certame da não ficção venha lá da Berlinale. Seu título: "Esperando Liat" ("Holding Liat"). Sua narrativa está ligada a tensões no Oriente Médio...

Há tempos, as ofensivas entre Israel e Palestina vitaminam a produção documental, seja interna (naquele perímetro geográfico inflamável), seja na Europa, em análises com foco na resiliência de potenciais vítimas de um ódio histórico. A Berlinale deste ano ampliou o debate a partir de "Esperando Liat", uma expressão audiovisual dos EUA, com Darren Aronofsky (diretor de "A Baleia" e "Pi") entre os seus produtores. O longa, dirigido por Brandon Kramer, ganhou o Prêmio de Melhor Documentário do Festival de Berlim e saiu da Alemanha ainda com a Láurea do Júri

Ecumênico. Sua narrativa revive os trágicos episódios de 7 de outubro de 2023, demarcado a sangue no calendário israelense. Essa data é assombrada por uma série de atentados coordenados e conduzidos pelo grupo militante islâmico palestino Hamas, da Faixa de Gaza, às áreas fronteiriças do sul de Israel, na manhã de Shabat, data de vários feriados judaicos.

"Estávamos no casamento de um amigo, numa festa realizada numa área de montanhas quando toda a tragédia aconteceu e decidi-

mos partir para um filme de observação", disse Kramer, em entrevista ao Correio da Manhã.

Seu foco não são os atentados, mas o sofrimento de uma família com quem tinham uma conexão prévia. Depois que a guia de turismo Liat Beinín Atzili foi raptada em pleno 7 de outubro, seus parentes, israelenses e americanos, enfrentam uma fase de horror, com medo de que ela seja assassinada. Seus entes queridos se unem para lutar pela sua libertação e pelo futuro de um projeto político de na-

ção. "Naquele momento, o mundo todo ficou atento para a situação dos reféns", disse Kramer. "A ideia de medo que brota dessa situação passa pela incerteza e de tudo de tóxico que ela traz".

Outro achado documental da Berlinale foi "Timestamp", de Kateryna Gornostai, um mosaico do dia a dia de estudantes e profissionais da educação na cena escolar ucraniana, numa luta para manter viva a fé na educação como um instrumento de revolução. Lá de telas alemãs veio "La Memórias De Las Mariposas", de Tatiana Fuentes Sadowski, com CEP no Peru. Um merecido Prêmio da Crítica ampliou o futuro desta produção documental. Tatiana teve sua atenção capturada por uma foto antiga de dois homens indígenas levados a Londres para serem "civilizados" por volta da virada do século XX. Seus nomes eram conhecidos - Omarino e Aredomi - mas pouco ou quase nada se sabia sobre eles. Por isso, Tatiana sentiu-se compelida a se aprofundar no passado da dupla - e de sua pátria. O que faz neste poroso filme é desconstruir a história oficial do comércio extrativista borracheiro no final do século XIX e início do século XX.

O Brasil vai brilhar nessa seara, em circuito com a chegada de "3 Obás de Xangô", de Sérgio Machado. O longa, que estreia em 4 de setembro, deu um banho de descarrego na Première ao relembrar a amizade entre o compositor Dorival Caymmi, o best-seller Jorge Amado e o artista plástico Caribé, uma trinca de orixás da Bahia.

CORREIO CULTURAL

Reuters/Folhapress



Fernanda Torres integrará o júri principal do evento

Fernanda Torres será jurada do Festival de Veneza

Fernanda Torres foi anunciada como participante do júri do Festival de Veneza. A atriz fará parte do júri principal do festival, presidido por Alexander Payne, e terá como colegas os diretores Stéphane Brizé (França), Maura Delpero (Itália), Cristian Mungiu (Romênia), Mohammad Rasoulof (Irã) e a atriz chinesa Zhao Tao.

Eles escolherão o vencedor do principal prêmio, o Leão de Ouro. O júri também decide o Grande Prêmio do Júri, o Leão de Prata para o melhor diretor, o Coppa Volpi para a melhor atriz e para o melhor ator, o prêmio de melhor roteiro, o prêmio especial do júri e o prêmio Marcello Mastroianni para o melhor ator ou atriz revelação.

Em alta

Em 2024, o Festival de Veneza foi palco da estreia de "Ainda Estou Aqui". O filme venceu o prêmio de melhor roteiro no festival italiano. Recentemente, a atriz brasileira também foi convidada para ser votante na premiação do Oscar.

Em alta II

Walter Salles, diretor de "Ainda Estou Aqui", será homenageado no Academy Museum Gala, evento da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, em 18 de outubro, junto com a atriz Penélope Cruz e o cantor Bruce Springsteen.

Força, Maneco

Manoel Carlos está sob cuidados médicos, de acordo como anúncio oficial feito pela equipe do novelista. Em janeiro, o autor de 92 anos teve piora no quadro de saúde devido à doença de Parkinson. Maneco não escreve novelas desde 2014.

Procura-se

A produção da cinebiografia sobre Marília Mendonça procura uma atriz para interpretá-la. O diretor de elenco Luciano Baldan abriu chamada aberta por uma atriz de 18 a 30 anos, parecida com Marília, e disponível para adaptações na aparência.

Pedro Mann lança quinto álbum explorando maturidade artística e espiritual em nove faixas que celebram o presente

Por Affonso Nunes

“Lá vou eu de novo” — o verso vem embalado por Pedro Mann num sorriso que não se vê mas que se intui no canto. Está ali em seus primeiros segundos, já na abertura, a alma do novo álbum do compositor, “Entre o céu e o pé no chão”. Uma alma solar e serena — em tons quentes porém claros, sem saturação.

O quinto disco da trajetória do compositor, cantor e baixista é, em suas palavras, um gesto de maturidade. “Chegou um momento, há uns dois anos, em que eu falei: ‘Acho que já tenho aí uma cesta de canções que pode virar um disco’. E cheguei à conclusão de que era um disco que representa uma maturidade”, conta Mann. Essa constatação aponta não para um fim, mas sim um reinício. “Lá vou eu de novo”, a canção que abre o álbum — e que lhe dá o tom — carrega esse sentido: recomeçar com lucidez, seguir em frente sem ilusões nem amargura. “Eu tô um pouco assim, sem muitas ilusões. Mais pé no chão”, diz o artista.

“Entre o céu e o pé no chão” é o primeiro disco em que Mann cuidou de todas as etapas do processo: do financiamento à masterização. É também o mais colaborativo — são mais de 25 músicos convidados, incluindo cordas e sopros. Todas as canções são suas, só ou com os parceiros Gabriel Pondé, Beto Landau, André Gardel e Marcos Carvalheiro. O álbum soa coeso em meio a essa variedade de olhares, orbitando em torno da beleza e do equilíbrio. “Tem um lugar de vulnerabilidade, de colar com os meus e celebrar com os meus”, sin-

Equilibrando sonho e realidade

Fotos/Divulgação



“Entre o céu e o pé no chão” é o primeiro disco em que Pedro Mann cuidou de todas as etapas do processo: do financiamento à masterização



tetiza Mann.

O álbum traz seis inéditas e três canções previamente lançadas. Mann abre com três da nova safra, escritas de 2022 pra cá: “Lá vou eu de novo”, “Ai ai te procurava”, “Fica essa canção”. A ordem das canções desenha a narrativa do álbum, apresentando de saída a filosofia do presente: “O agora é tudo que a gente tem”. “O amor nasceu mulher”, por exemplo, foi composta com Pondé no dia em que Mann soube que sua mãe teria que operar de um câncer e que a filha de um amigo tinha aca-

bado de nascer. “Foi um dia muito marcante. É uma canção que celebra isso, a ancestralidade, todas as mulheres que fazem o mundo. É muito forte, a melhor do disco pra mim”.

A instrumentação do disco é plural, mas nunca dispersa. Foram quatro guitarristas diferentes, três bateristas, cordas, sopros, pífanos. O baixo se divide entre Mann e Alberto Continentino — que assina a produção de parte do disco, ao lado de Yuri Vilar. Se Yuri é o parceiro de longa data (“da minha bolha”, como define Mann), Alberto ampliou o horizonte: “Trouxe outra turma. Gente a que eu não teria acesso normalmente”. O piano elétrico, o clima setentista, as camadas de arranjo dão densidade sem pesar.

“Produzir disco é uma desculpa pra estar junto de pessoas queridas”, diz Mann. “Entre o céu e o pé no chão” talvez seja isso: um gesto de comunhão, feito de encontros, de aceitação, de gratidão, de beleza, de leveza. “Tô ansioso pra apresentar em primeira mão os arranjos do meu disco novo no formato de trio”, conta Mann, que vai mostrar o novo trabalho nesta sexta-feira (25) em apresentação no Blue Note.

CRÍTICA / DISCO / SILÊNCIO DE UM MINUTO

A música de Noel pela voz de um ótimo cantor

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de “Silêncio de um Minuto” (Companhia de Discos do Brasil), o terceiro álbum de Moisés Navarro. Neste trabalho, o cantor, natural de Pitangui, no Oeste mineiro, traz a público o seu olhar respeitoso e exuberante sobre a obra de Noel Rosa.

Após lançar seu primeiro álbum, *Viver a Vida*, com direção artística de Daniel Silveira, e gravar “Aquele Abraço, Gilberto Gil”, com arranjos de Jaime Alem, Moisés agora traz a grandiosidade de Noel em dez de suas músicas.

Coube aos arranjos de Ricardo Gomes (também produtor musical do CD) permitir que a personalíssima voz de Moisés nos cante o encantamento de (re)ouvir algumas das principais composições do poeta da Vila Isabel.

Fato que só engrandece os dois. De fato, cada faixa traz o convite para percebermos o quanto uma obra imortal pode se tornar cúmplice de uma voz original e afinada como a de Moisés. Grata surpresa – eu ainda não o conhecia. Pior pra mim. Ouça o álbum em <https://lnk.dev/YvZV0>

“Silêncio de Um Minuto” tem participação especial de Rômulo Fróes e das cordas de Christiano Caldas, responsáveis por uma intro surpreendente que abre as portas para o canto de Moisés.

“Último Desejo” vem com a simplicidade da voz e do violão de sete cordas de Gustavo Monteiro. Emoção pura!

“Fita Amarela”, com parti-



Divulgação

cipação especial de Maurício Tizumba, tem baixo, teclados e violão de Ricardo Gomes, mais o trombone destacado de Hilton Lima (Galego).

Em “Feitio de Oração”, Moisés encontra na voz de Claudette Soares a parceira ideal para com-

partilhar seu canto. Violão e baixo, somados ao piano e à bateria, dão às cordas o prosclênio do belo arranjo.

“Com Que Roupa”: cantando com Moisés, Maria Alcina arrasa. Os metais se juntam ao cavaquinho, ao teclado e à percussão, incorporando o samba famoso.

“Quando o Samba Acabou”: Alaíde Costa canta o samba lento com a alma que Deus lhe deu. Moisés está com ela. Que lindo o duo!

“Meu Barracão” tem novamente a formação de voz e violão sete cordas. A simplicidade comove. A voz se destaca e brilha.

“Três Apitos” tem arranjo com formação rara: voz, piano e

trompete, dando ao clássico a versão que aumenta e distingue sua dramaticidade. Meu Deus!

“Palpite Infeliz”: novamente, este marco do repertório de Noel encontra em Moisés um intérprete à altura.

“Até Amanhã”: a canção de despedida fecha a tampa de um álbum que, dentre seus méritos, junta músicas marcantes de Noel Rosa à voz poderosa de Moisés Navarro – um intérprete de profunda sensibilidade que transmite jovialidade reverente à dramaticidade do grande compositor brasileiro.

Ficha Técnica

Produção musical e arranjos: Ricardo Gomes; mixagem e masterização: Alessandro Tavares (Arte Nossa); capa/foto: Samuca Kim; direção de arte: Paulo Henrique de Moura; projeto gráfico: Leandro Arraes; diretor artístico: Paulo Henrique de Moura.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

House melódico

Alok lança o EP “Alok x Tomorrowland” com três faixas antes de sua apresentação no palco principal do festival. O destaque é “Fever”, parceria com Agents of Time, um house melódico com vocal feminino marcante, ideal para festivais e playlists noturnas. O trabalho demonstra a versatilidade criativa do produtor na música eletrônica. Atualmente classificado como 4º melhor DJ mundial pela DJ Mag, Alok é reconhecido por fundir brazilian bass, deep house e techno, criando experiências imersivas nas pistas.

Divulgação



Divulgação



Voltando ao mercado

King Princess, projeto da artista Mikaela Straus, acaba de lançar nas plataformas digitais o single “Cry Cry Cry”, uma faixa de rock ácido sobre amigas desfeitas e vingança. A música integra seu terceiro álbum “Girl Violence”, que será lançado em 12 de setembro pela gravadora section1. Segundo Straus, a canção retrata o fim de uma amizade conturbada com outra mulher. O novo trabalho marca o retorno da cantora, compositora e produtora estadunidense após seus álbuns anteriores, “Hold on Baby” (2022) e “Cheap Queen” (2020).

Divulgação



Colaborações

O cantor e compositor australiano Ruel colabora com os renomados produtores Ammo (Beyoncé, Maroon 5), J Kash (Charlie Puth, Dua Lipa) e Julian Bunetta (Sabrina Carpenter, Teddy Swims, One Direction) em seu novo single “I Can Die Now”, uma canção pop refinada e carregada de emoção que retrata a euforia de um amor profundo. Ruel, nascido em 2002, iniciou sua carreira aos 13 anos e, aos 16, conquistou o prêmio Aria de Artista Revelação com o single “Dazed & Confused”. Com mais de 2 bilhões de streams, ele é uma das promessas da cena pop.

Thiago Gouvêa/Divulgação



Traumamas paternos em solo visceral

Guilherme Logullo protagoniza espetáculo que mescla memórias pessoais com teatro do absurdo e dança Butoh

Depois de esgotar ingressos no Rio de Janeiro e conquistar o público paulistano, o solo teatral “Pai” volta à cidade em nova temporada na Sala Multiuso do Sesc Copacabana. O espetáculo mergulha nas complexas relações entre pais e filhos, especialmente quando marcadas pela violência e pelo abandono emocional.

Criado e protagonizado por Guilherme Logullo, “Pai” nasce da necessidade do artista de transformar experiências traumáticas em linguagem artística. O ator e criador não esconde que a dramaturgia brota de suas próprias vivências com uma figura paterna abusiva. Mas vai além do relato autobiográfico para alcançar uma dimensão mais abrangente sobre os impactos da violência doméstica na formação da identidade masculina.

“Quis trazer à tona o espetáculo para dar novos significados às vivências paternas violentas e difíceis que enfrentei em minha vida. De alguma forma, transformando isso em arte, em teatro, eu ganho força, libertação e clareza de tudo que vivi”, explica Logullo, que vê na criação artística um caminho tanto de elaboração pessoal quanto de provocação social. O objetivo da montagem, destaca, vai além da catarse individual. “Muito além de expor e compartilhar tais experiências, o objetivo é provocar mudanças e gerar aprendizado”.

A direção tem a assinatura do armênio Arthur Makaryan, nome em ascensão na cena teatral nova-iorquina que faz sua estreia no teatro brasileiro justamente com este projeto. Com dez anos de experiência dirigindo em Nova York e passagens por instituições prestigiadas como The Juilliard School, Makaryan traz para o espetáculo uma bagagem internacional que inclui estudos no Grotowski Institute, na Polônia, na Suzuki Company, no Japão, e no Odin Teatret, na Dinamarca. Sua formação também passou pelo Théâtre de l’Opprimé, na França, onde trabalhou com o premiado diretor ítalo-brasileiro Rui Frati.

O encontro entre Logullo e Makaryan resultou numa criação

colaborativa que durou um mês de residência artística no Rio. Juntos, desenvolveram uma dramaturgia que mescla elementos do teatro do

absurdo, da dança Butoh e da autotificação, criando uma linguagem cênica que desafia as convenções teatrais tradicionais.

“Assim que soube do projeto, senti uma fúria, uma vontade de fazer. Sinto que o Guilherme está profundamente comprometido

com este trabalho”, revela Makaryan, que encontrou no projeto uma oportunidade de explorar facetas mais íntimas de sua criação, contrastando com as produções grandiosas típicas do cenário nova-iorquino.

Em cena, o espectador encontra um homem isolado num espaço despojado, onde as fronteiras entre passado e presente se dissolvem numa narrativa não-linear. A performance visceral de Logullo conduz o público por uma jornada marcada por silêncios eloquentes, gestos de controle e raros momentos de afeto, construindo um retrato complexo das masculinidades feridas pela violência familiar. O solo não se limita a expor feridas, mas propõe caminhos de reconstrução e possibilidade de cura, questionando padrões de comportamento que se perpetuam através das gerações.

“O processo de criação foi parecido com uma colagem, com as cenas surgindo aos poucos. Juntos, nós fomos juntando as peças, criando as cenas e as mensagens que queríamos transmitir, para produzir algo lindo e realmente marcante para o público”, detalha Makaryan sobre a metodologia de trabalho que privilegiou a construção orgânica da dramaturgia.

A montagem conta ainda com cenografia de Marieta Spada, figurinos de Karen Brusttolin, desenho de luz de Paulo Denizot e música original de João Paulo Mendonça, numa criação que privilegia a economia de recursos em favor da intensidade expressiva. “Muito além de expor, meu desejo é ressignificar. Transformar a dor em arte e abrir caminhos de libertação”, sintetiza Logullo, ao discorrer sobre um trabalho que se insere numa tradição teatral que vê na arte uma ferramenta de transformação social e pessoal.

SERVIÇO

PAI

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160

De 22/7 a 27/8, às terças e quartas-feiras (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 8 (associado Sesc)

Aquece a alma

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

No quadrinho de Mafalda, a menininha argentina enfezada que detestava sopa, a mãe sempre dizia: “se não tem sopa, não tem sobremesa”. Havia — e ainda há — o costume de abrir as refeições, principalmente os jantares, com uma sopinha quente, que enche o estômago e aquece a alma. Foi assim que, em pleno coração de Ipanema, fomos ao Manoel & Joaquim, aquele de restaurante que mistura tradição, sabor e acolhimento, comer suas ótimas sopas.

Com música ao vivo e um chope sempre gelado e bem tirado, o ambiente convida a ficar mais do que se planejava. Aberto diariamente, a casa atrai tanto moradores da zona sul quanto visitantes em busca de uma experiência carioca autêntica. O atendimento simpático e o cardápio variado criam um clima informal e delicioso — ideal para o almoço da semana ou para um jantar de fim de tarde.

CRÍTICA / RESTAURANTE / MANOEL & JUAQUIM

Divulgação



Manoel & Joaquim: tradição e sabor juntos

As sopas da casa — Siri, Ervilha e Leão Velloso — são todas feitas na hora, em porções generosas e com tempero no ponto certo. A de Siri traz o sabor do mar, com carne fresca e um toque leve de leite de coco. A de Ervilha é cremosa e rica, finalizada com pancetta crocante. Já a Leão Velloso, receita tradicional carioca, é um caldo robusto feito com peixe, legumes e azeite. Nenhuma delas é “bonita” na apresentação — são “feias na hora”, como brincam por lá — mas todas encantam pela profundidade do sabor e pelo conforto que oferecem.

O cardápio segue forte nos pratos principais, com destaque para o clássico filé à Oswaldo Aranha, preparado como manda a tradição: filé mignon alto, alho douorado, arroz branco, farofa e batatas portuguesas. A carne é suculenta e bem selada, rosada por dentro e cheia de sabor. Para acompanhar, os pastéis crocantes e sequinhos se destacam pelos recheios criativos, como brie com damasco ou filé com gorgonzola — uma combinação entre tradição e ousadia. No Manoel & Joaquim, tradição, sabor e generosidade caminham juntos. Um clássico de Ipanema que vale cada visita — e cada colherada.

SERVIÇO

MANOEL & JUAQUIM

Rua Barão da Torre, 162 - Ipanema

Segunda a quarta (11h às 0h30), quinta e domingo (11h a 1h) e sexta e sábado (11h às 2h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Delícias para o frio

Para os dias frios, três boas pedidas. No Cantón, destaque para os Lo Mein de frango e de carne com filé mignon ao molho de cogumelos, além do Mayfan Singapura Marino com frutos do mar e do Yakisoba de cogumelos. Já o Talho Capixaba serve massas frescas como o fettuccine ao pesto com frango ou camarão, rondelli de ricota e ravioloni com mussarela de búfala, todos com opção de molhos. E no Kinjo, o ramen com caldo grosso e porco char siu (foto) e o yakisoba com filé, frango ou vegetais. Todos imperdíveis.

Divulgação



Far Creative/Divulgação



Bom para almoçar

O Lília Bistrô, no CCBB/RJ, do grupo comandado pelo chef Lúcio Vieira, diversas vezes Chef do Ano. No menu de almoço (R\$ 98, couvert, entrada, principal e sobremesa), o jovem chef Gabriel Pinho assina Risoto de cogumelo, Sobrecoxa de frango com velouté verde, Bœuf bourguignon e Cassoulet de frutos do mar. Choux com cremeux de café, Tartelete de cacau com ganache de laranja e o Mil folhas com ganache de limão são as sobremesas. O almoço é sofisticação e conforto em menu equilibrado e acessível. Uma experiência completa com técnica e sabor.

Divulgação



Com o pé na areia

Na Praia do Leme, o Clássico Beach Club lança sua Feijoada Clássica, servida sextas e sábados, das 11h às 18h. Pé na areia, boa música ao vivo e vista para o mar criam o clima perfeito para brindar o dia. A feijoada, feita com cortes nobres e feijão preto cozido lentamente, vem acompanhada de arroz, couve, farofa e laranja. Tudo finalizado com duas caipirinhas de cortesia. A experiência começa cedo, com bons drinks e sambinha ao vivo. No Clássico, o almoço vira um dia de férias daqueles que a gente levanta as mãos para o céu e agradece.



A natureza chora

São sóis nascidos, houve até dias nublados ou de chuva mas, o Astro-Rei está lá e sempre estará.

Nos tempos da pandemia aprendi muita coisa com a natureza. Conheci a migração das aves. Os biguás, naquele ano, ficaram até mais tarde sobrevoando o Cristo e o Pão de Açúcar num vai e vem diário entre a Lagoa, a Ilha do Governador e a Praça XV. Os socós, que há muito não via pelas bandas de cá, deram o ar da graça. As fragatas, altaneiras, bailaram sob o Sol. Apareceram as ararinhas, papagaios, bem-te-vis, sabiás-laranjeira, maritacas estrondosas, gaviões, tucanos e, até mesmo, garças que, jamais tinha visto sobrevoar esta parte da cidade.

Vi macacos-prego e saguis se aventurarem a ficarem mais próximos dos humanos.

Ouvi o canto mavioso dos pássaros que, antes eram abafa-

dos pelos ruídos da cidade frenética. Senti os aromas matinais vindos com o vento.

Senti, enfim, a natureza viva, vívida, vibrante, agradecida, absoluta em dias com ares mais límpidos, translúcidos.

As montanhas solares em brilho exaltaram a cidade.

Hoje, o dia amanheceu com um horizonte paralelo, como se prenunciasse um novo amanhã de tristeza, um novo tempo, como um chamamento a todas e todos para reforma íntima, para a reflexão do que fomos, somos e deveremos ser, para os 'gritos' da natureza.

Hoje, presto homenagem aos ambientalistas que nos trazem um novo-futuro de esperanças e ensinamentos.

Presto homenagem a natureza que, como Phenix, ressurgirá das cinzas espalhadas em nosso desvario.

O normal anterior foi o problema, de todos os desastres ambientais, mas não trouxe nenhum ensinamento.

E agora José? Por que tanto egoísmo?

Mais humanidade, solidariedade, paz e espírito comunitário; mais amor por favor!